

Só

Clara Franco Cavalcanti

Brasília, 2021

Editora



Índice

Prólogo **página 2**

Capítulo 1 **página 5**

Capítulo 2 **página 8**

Capítulo 3 **página 11**

Capítulo 4 **página 13**

Capítulo 5 **página 14**

Prólogo

Em um pequeno escritório localizado no 12º andar de um prédio no centro de uma grande cidade, duas amigas colocavam a conversa em dia e se atualizavam sobre o fim de semana enquanto apreciavam uma xícara de café antes do início do expediente.

Não era um lugar grande, apenas seis cubículos encostados contra as paredes mais a mesa do chefe que ficava perto da entrada. No canto da sala que desfrutava de um formato em L, também havia uma pequena mesa de café e era lá que as duas colegas se encontravam antes da chegada de seu superior.

O modesto cômodo tinha as paredes pintadas de uma cor branco gelo, o chão era coberto por um grosso carpete azul marinho e as luzes, amareladas, davam um ar elegante mas aconchegante ao ambiente. Ainda mais acolhedor, era o delicioso cheiro de café fresquinho que impregnava o local naquela manhã de segunda-feira.

Inusitadamente, as duas mulheres, Lucy e Marie, haviam sido as primeiras a chegar. No início, elas estranharam um pouco e se preocuparam com o atraso da pequena Anne, sempre pontual. Porém logo relaxaram e resolveram jogar conversa fora com uma boa xícara de café, afinal, elas sabiam que o chefe ainda se atrasaria bastante.

— E aí, menina? Conta tudo! Como foi o teu fim de semana? — perguntou Lucy, visivelmente animada para saber das fofocas.

— Ai, Lu, você sabe... O de sempre, né. — respondeu Marie com um suspiro exagerado antes de abrir um largo sorriso.

— Mas eu não acredito! No que foi que ele¹ se meteu dessa vez? — questionou, já bastante envolvida na história.

— E então, mulher! Aquele lá só se mete em furada. Ontem mesmo inventou de ir em uma festa não sei aonde. Bebeu tanto que teve que me ligar pra ir buscá-lo. — Marie cruzou os braços, balançou a cabeça e estalou a língua em reprovação — Só me dá trabalho — resmungou, completando e fechando a cara para concluir sua pequena cena.

— Já tô vendo que ele vai demorar pra chegar então — brincou, deixando escapar pequenas risadas.

— É! E quando chegar ele vai ver! — exclamou em uma irritação forçada.

O grito, quase teatral, acabou saindo mais alto do que o planejado, assustando a figura parada à porta. A menina hesitou, dando um passo para trás, mas foi logo notada pelas duas mulheres que se encontravam apoiadas na bancada.

Ambas viraram para a porta simultaneamente. Lucy lançou um sorriso acolhedor à recém chegada em um convite silencioso para se juntar a elas. Marie abriu um largo sorriso e se dirigiu à porta com velocidade, agarrando a amiga pelo braço e a puxando para dentro com agitação. Ela serviu mais uma xícara de café

¹ Elu, delu e similares serão usados como alternativa de pronome neutro

com agilidade e a pôs nas mãos de Anne, que ainda estava estupefata e sem reação.

— Marie! Marie! Vá mais devagar! Deixe ela respirar! — suplicou Lucy em meio a gargalhadas contidas.

Anne olhava de um lado para o outro, ainda nervosa. Seus olhos perdidos e confusos olhavam para a amiga como se implorasse por ajuda, o que apenas arrancou ainda mais risadas dela.

Ao ver o olhar lançado pela mais nova, Marie fez um grande bico e fingiu estar emburrada por um breve momento antes de adicionar:

— Vocês agem como se eu fosse morder ou algo do tipo — falou entre os dentes, emburrada.

Ao escutar o tom brincalhão da amiga, a garota finalmente relaxou, soltando uma risada baixinha, tímida, enquanto levava discretamente a xícara aos lábios.

Anne era a mais nova do grupo. Com apenas seus 20 anos, a tímida menina foi carinhosamente apelidada de “criança” sendo frequentemente referida como “pequena Anne” e similares.

— Vamos! Continue a história, nesse ponto eu já estou investida — pediu Lucy.

— O Alex? — perguntou Anne em voz baixa, já imaginando do que se tratava.

— Mhm — concordou Marie em um entendimento mútuo antes de continuar a história — Depois de me fazer dirigir até o fim do mundo no meio da noite para buscá-lo na festa ele ainda me puxou pro meio das pessoas pra mostrar o motivo delu ter bebido tanto. Parece que aquela menina com quem estava saindo há umas duas semanas...

— Aquela que elu jurava ser o amor de sua vida? — Interrompeu Lucy

— Sim! Sim! Essa mesma! Ela tinha levado outro acompanhante para a festa.

— Coitado! Essa não é tipo a terceira vez que algo assim acontece esse mês? — indagou Lucy, pondo a mão no queixo, pensativa.

— É, ele nunca aprende. Se continuar assim... — Marie fez uma breve pausa para efeito dramático.

Anne, já vendo o que ia acontecer, deu um passo para o lado discretamente na tentativa de se distanciar o máximo possível.

A pausa que deveria ter sido curta acabou por se prolongar mais do que o esperado quando Marie subitamente se viu embaixo de uma sombra. A pessoa alta atrás dela colocou a mão sobre seu ombro antes de falar:

— Se continuar assim o quê, Marie? — disse Alex em um tom sarcástico, quase como um desafio.

A mulher deu um pulo, quase derramando seu café, antes de se virar e começar a dar leves tapas e empurrões de brincadeira no amigo enquanto esbravejava e gritava com elu pelo susto. Alex, por outro lado, estava rindo tanto que segurava a barriga, dobrando o corpo para frente.

Lucy balançou a cabeça e suspirou enquanto se dirigia com Anne aos seus cubículos, que ficavam um ao lado do outro. Ela perguntou baixinho:

— A propósito, Anne, o que houve que você chegou mais tarde hoje?

- Problemas pra dormir — respondeu a menina em um tom de cansaço.
- De novo? — indagou.
- Mhm — respondeu a mais nova, tentando sutilmente encerrar o assunto e desviar a conversa de si mesma, sem muito sucesso.

Depois de cansarem de brigar, os outros dois também se moveram para seus cubículos para dar início às suas tarefas, ainda esperando a chegada das últimas pessoas para a reunião do time e o começo apropriado da semana.

Capítulo 1

Pouco tempo se passou à espera da chegada dos últimos dois colegas. Apesar disso, o ambiente já estava bem mais calmo e silencioso do que anteriormente. O dia estava mais claro pois o Sol se aproximava de seu pico e o cheiro gostoso de café que pairava pela sala já havia se dissipado há muito.

A fome já começava a bater para os quatro colegas de trabalho. Depois de algumas rodadas de pedra, papel e tesoura inconclusivas, a caçula acabou por se voluntariar a ir buscar um lanche para todos. Eles agradeceram e lhe deram uma chuva de elogios, fazendo-a corar.

Contudo, antes que a garota pudesse fazer seu bom gesto, acabou tendo que dar meia volta quando encontrou seu chefe Ethan e o colega Jonathan na porta do elevador. Eles finalmente haviam chegado e pareciam ter algo de importante para falar na reunião.

Ao entrarem na sala, as cabeças dos três que ali estavam se viraram automaticamente para os recém chegados. Sem muita conversa, Jonathan e Anne foram para suas cadeiras enquanto Ethan se manteve de pé virado para todos.

Ele era um homem robusto, não muito alto. A barba estava por fazer e o bigode ridículo que cultivava por incentivo do marido estava mal arrumado. A gravata com o nó mal dado somada ao cabelo curto mas desgrenhado não lhe dava a mais apresentável das aparências. Seu rosto forte com sobrancelhas grossas lhe dava uma eterna carranca, bastante apropriado para o seu usual humor matinal. Porém, hoje, os trabalhadores puderam perceber que ele estava com um humor melhor do que de costume, pois mesmo sem atacar a cafeteira suas sobrancelhas estavam franzidas mais levemente do que o normal. Apesar da aparência desleixada, Ethan sempre foi extremamente profissional quando se tratava de negócios.

— Hoje vocês devem ter percebido que cheguei mais tarde do que de costume. — todos acenaram com a cabeça em concordância — Pois bem, por mais que alguns de vocês possam achar que foi apenas um pouco de preguiça — disse enquanto lançava um olhar acusador para Marie, que desviou o olhar. Alex resolveu entrar na brincadeira e começou a assobiar, virando a cabeça para longe. A brincadeira arrancou risadas de alguns dos colegas que logo se calaram e deixaram o chefe continuar:

— Na verdade, eu e Jonathan estávamos em uma importante reunião com um cliente com quem Alex estava há meses tentando marcar. Tudo correu bem e fechamos o contrato. A partir desta semana, nós vamos começar a trabalhar nesse novo projeto. Se tudo der certo, a recompensa será gigante. Nós temos um pouco mais de um ano de prazo. Conversaremos em mais detalhes no decorrer da semana, agora eu preciso que todos vocês finalizem seus projetos atuais.

A notícia foi recebida com animação por todos. Marie, que estava sentada ao lado de Alex, lhe deu uma cotovelada e disse de maneira provocativa:

— Ei, eu acho que isso merece uma bebida pra comemorar, hein?

— Mhm, mhm — Lucy foi rápida em concordar, balançando a cabeça freneticamente em aprovação.

Alex tomou sua deixa, subindo em sua cadeira e falando alto suficiente para todos ouvirem:

— Hoje a bebida é por minha conta!

Já entardecia no escritório quando os pequenos cochichos corriqueiros começaram a aumentar de volume. O fim do expediente se aproximava e a agitação e excitação se tornavam cada vez maiores. Fazia um tempo desde que todos saíram para beber juntos. O local ficou decidido como sendo um pequeno bar que ficava a apenas alguns quarteirões de distância.

Conforme o céu ficava mais escuro, menos pessoas restavam no escritório. Alguns foram juntos, outros passaram para pegar os parceiros, outros simplesmente ainda não tinham conseguido terminar seus afazeres para poder sair. Logo haviam apenas Lucy e Jonathan na sala.

— Tu vai levar a Kris? Faz tempo que não vejo ela — perguntou Lucy enquanto arrumava seus pertences distraidamente.

— Acredito que sim, ela sempre fala que não tem oportunidades o suficiente para ver todo mundo. Ela diz que tem que verificar de vez em quando se vocês não estão destruindo nada nem matando uns aos outros — disse o homem com a voz calma, divagando enquanto falava sobre a amada.

Lucy soltou uma leve risada cobrindo a boca com a mão e continuou amigavelmente:

— Sem vocês dois, aqueles ali com certeza já estariam pulando nos pescoços uns dos outros, não sobreviveriam uma semana — disse ainda rindo.

O amigo sorriu antes de brincar ainda com um tom sereno na voz:

— Você também não está exatamente excluída dessa afirmação.

A mulher riu, assentindo em concordância.

— E você, vai levar o Mark? — perguntou ele, mantendo o assunto da conversa.

— Hoje não, ele tá trabalhando. Você sabe que eu não perderia a oportunidade de exibir meu belíssimo marido por aí se pudesse — disse a mulher com um tom brincalhão.

A conversa não se estendeu muito e ambos desceram pelo elevador. Kristine, parceira de longa data de Jonathan, provavelmente havia sido avisada dos planos previamente, pois estava esperando na entrada do prédio.

O grupo de três andou calmamente pelas ruas movimentadas naquele final de tarde da primavera. Os pássaros cantavam alegremente e flores coloridas adornavam os cantos da calçada. Perambularam por alguns minutos antes de chegar a um barzinho na esquina da rua principal. Eles chegaram a tempo de pegar os últimos raios de sol antes dele se pôr completamente.

Por ser uma segunda-feira ainda cedo, o bar não estava movimentado. Eles rapidamente acharam o resto do grupo sentado próximo ao balcão. O estabelecimento em si não era muito extravagante, apenas um balcão onde se

podia pedir e pegar bebidas e aperitivos além de cerca de meia dúzia de mesas de plástico distribuídas por toda a curta extensão do salão. O local todo cheirava à comida que era preparada no balcão. A iluminação era fraca, o que criava certo senso de privacidade em relação aos outros clientes. Não que isso fosse muito importante para eles agora.

Apesar de não ser o lugar mais limpo, a comida era boa e o custo barato, portanto não era incomum que fossem para lá. Nas sextas, todos que podem geralmente se encontram ali após o trabalho, porém, raramente podem aproveitar algumas bebidas todos juntos.

O grupo estava sentado em uma mesa redonda, claramente já estavam em sua segunda rodada de bebidas. Os com a tolerância mais fraca, como Ethan, surpreendentemente, já estavam um pouco mais animados.

Os recém chegados arranjaram algumas cadeiras para se sentarem. A leve música que tocava no fundo deixava o ambiente ainda mais agradável a todos. Assim que Anne viu que Kristine estava com eles, a garota se apressou em sua direção, indo cumprimentá-los. Ela deu um sorriso tímido, mas genuíno para os três, antes de exclamar:

— Kristine! — já sendo puxada para um abraço pela mesma.

Lucy foi direto para o bar pedir mais bebidas e aperitivos. Enquanto isso, Jonathan pediu um refrigerante, já que não bebe. Além do que, mesmo se bebesse, optaria por não o fazer para que houvesse pelo menos uma pessoa em condições de levar os outros para casa se necessário, atitude que se provaria bastante sábia.

Em contrapartida, Kristine bebe muito mas, por ter uma alta tolerância ao álcool, sempre acaba por ajudá-lo a carregar os outros.

A noite foi passando, os copos foram virando e eles foram se embebedando e aproveitando a companhia uns dos outros. Em algum tempo, o bar já estava bastante cheio.

Lucy bebericava sua bebida enquanto conversava com todos, indo e voltando do balcão. A mulher já havia conversado com meia dúzia de desconhecidos e provavelmente saberia dizer uma dezena de coisas sobre cada um.

Ethan ainda lutava para manter a face de durão, sem êxito, enquanto bebia seu segundo ou terceiro copo. O homem já se encontrava completamente bêbado, tendo que ser apoiado pelo marido, Julian, para se manter em pé.

Alex e Marie estavam em uma intensa competição, tomando dose atrás de dose, vendo quem desistiria primeiro. A dupla gargalhava, gritava e comemorava tão alto que todos no estabelecimento já os haviam notado.

Jonathan apenas assistia a barulhenta dupla, rindo das palhaçadas dos dois e fazendo apenas breves comentários, o sorriso tranquilo nunca deixando seu rosto.

Anne dava pequenos golinhos timidamente em sua bebida enquanto conversava animada com Kristine que ria alto e saboreava sua bebida com gosto.

Era um momento de comemoração, os colegas aproveitavam a noite que duraria por muitas horas antes de voltar para suas vidas corriqueiras.

Capítulo 2

Quando o relógio batia às 8h30 na parede do escritório, os primeiros movimentos começaram a se fazer presentes naquela manhã de segunda-feira. Era o fim do inverno e a última neve da estação caía serena do lado de fora do prédio. Como o habitual, a primeira a passar pela porta foi Anne que segurava com as duas mãos a alça de sua bolsa atravessada pelo peito. A garota pôs sua bolsa em sua mesa e foi passar o café. O delicioso aroma preencheu a sala e a menina serviu-se em uma caneca e se apoiou de costas, apoiada na bancada, à espera dos demais.

O próximo a chegar foi Jonathan. O homem primeiro desenrolou o cachecol do pescoço e retirou a mochila das costas antes de ir de encontro a colega, cumprimentando-a:

— Bom dia, pequena Anne — disse em seu tom de voz grave e sereno.

— Bom dia — respondeu a garota baixinho, escondendo o rosto atrás de sua caneca.

Servindo-se da bebida e beliscando alguns dos biscoitos que mantinham na sala, os dois sorriam em um agradável e acolhedor silêncio. Este que não durou muito, pois logo Lucy adentrou o recinto já puxando conversa:

— Bom dia, gente! Quais as novidades?

Sem lhes dar tempo para responder, Alex também cumprimentou, enquanto passava pela porta:

— Bom dia, meu povo! Como vai essa gente bonita?

Ao escutar a última palavra, Anne corou e sorriu levemente, como se dissesse “bem”.

Escutando a voz do colega, Lucy virou-se para trás e disse em um tom desacreditado e brincalhão:

— Você por aqui? Mas ainda não são nem nove horas.

— Ei, que calúnia é essa? Eu sou muito pontual, ok? — respondeu Alex.

Como resposta, ele recebeu apenas um olhar de deboche. Ele, então, se virou para Jonathan à procura de suporte e este apenas desviou o olhar, com um sorriso estampado na face, fingindo não ter notado o pedido silencioso.

Lucy soltou um som de "pfff" em uma risada contida e Anne cobriu a boca com uma das mãos antes de dar uma risadinha ao observarem os olhos arregalados de choque no rosto de Alex, que claramente não esperava essa resposta do mais velho.

Mais xícaras foram servidas e a conversa rolou solta por alguns minutos antes de começarem a trabalhar.

Marie, que chegou atrasada, estava mais agitada do que de costume e, num descuido, esbarrou no batente da porta e derrubou uma parte dos papéis que segurava desajeitadamente nos braços. Bufou irritada e se dirigiu ao seu cubículo ao lado de Alex. Jogou seus pertences em cima da mesa sem se importar muito e colocou ambos os braços sobre eles, apoiando a cabeça e usando-os de travesseiro.

— Ihh... Acordou com o pé esquerdo, Cinderela? — zombou o da mesa vizinha ao ver o estado da amiga.

— Urgh, o dia mal começou e já tá dando tudo errado. Vai ser um expediente longo... — esbravejou a mulher, dando ênfase na última palavra.

O relógio já havia passado das 9:30 quando Ethan finalmente entrou no escritório carregando sua típica carranca. Serviu-se do restante do café e chamou os demais para a reunião de início da semana que eles tinham todas as segundas. Os funcionários todos puxaram suas cadeiras e se sentaram em volta da mesa do chefe que começou falando:

— Bom dia, pessoal — todos resmungaram um pequeno “bom dia” em resposta — Bem, pra começar, eu sei que todo mundo ainda está no pique do grande sucesso do projeto que terminamos alguns meses atrás. Entretanto, essa semana não temos nenhum projeto novo. Os projetos menores que estávamos trabalhando semana passada ainda não foram concluídos, mas faltam apenas alguns detalhes que devem ser resolvidos antes do final da semana, então vamos ficar dependendo do time de vendas conseguir um cliente novo.

Nesse momento, Alex, gerente do time de vendas se pronunciou:

— Estamos tendo dificuldades com a concorrência. Mesmo com nosso recente sucesso, muitos clientes em potencial estão procurando empresas com o equipamento mais moderno e com a produção mais tecnológica porque é geralmente mais barato do que ter funcionários humanos.

— Sim, além de sair mais em conta, as pessoas parecem confiar mais no trabalho feito pelos computadores — concordou Marie, também responsável pelas vendas.

Ethan acenou a cabeça em concordância e disse:

— Era o que eu imaginava. Já faz algum tempo que eu tenho visto algumas possibilidades de modernizar nosso equipamento, mas é bastante caro e ocupa espaço, então ainda não cheguei a uma conclusão. Sugestões? Opiniões?

— Eu acho que a gente sempre teve uma *vibe* mais artesanal, se automatizarmos muito a produção é possível que percamos nossos atuais clientes. Será que não seria prejudicial? — refletiu Lucy.

Anne hesitantemente levantou a mão baixinho e Ethan sinalizou com a cabeça lhe dando a palavra:

— Mas se o mercado é maior para o produzido em massa ainda não seria benéfico?

— Jonathan? — Inquiriu Ethan.

O homem em questão apoiou o queixo com a mão e fez uma breve pausa, pensativo, antes de dizer:

— Equipamento melhor aumentaria a produção, mas não necessariamente teria o melhor custo benefício. Além disso, não há espaço no escritório para o equipamento, a sala já está cheia e precisaria de pelo menos uns 3 metros de espaço. Talvez fosse preferível investir em um *software* mais moderno, não?

Anne foi rápida em concordar, balançando levemente a cabeça enquanto proferia um “mhm” em consentimento.

— É uma boa ideia. Irei pesquisar um pouco mais sobre e semana que vem re-analisamos as possibilidades — decidiu Ethan — Acredito que seja somente isso que tínhamos pra falar. Se ninguém quiser adicionar mais nada, podem voltar ao trabalho.

Os outros se encaram por alguns instantes, esperando alguém se pronunciar, e quando ninguém o fez eles arrastaram suas cadeiras de volta e retornaram ao seus cubículos.

Conforme os ponteiros do relógio andavam e a luz que entrava pelas janelas diminuía, a última neve acabava de cair e os flocos que pousavam gentilmente na grama derretiam, sumindo sem deixar traço.

Capítulo 3

Mais uma manhã de segunda-feira se iniciava no escritório. Das janelas, era possível enxergar as folhas secas e alaranjadas sendo carregadas graciosamente pela brisa de outono. O Sol brilhava do lado de fora, mas aquele dia era sombrio no escritório.

Anne, rotineiramente a primeira a chegar, apoiou a cabeça e o ombro direito silenciosamente na porta por alguns instantes antes de respirar fundo e dar um passo adiante. Ela fez o café e encheu sua caneca, sentando-se em seu cubículo e começando seu trabalho.

Marie foi quem chegou em seguida. A garota, sempre bastante tagarela, não falou muito, apenas trocando algumas palavras com a mais nova, pegando sua xícara de café e sentando-se em seu cubículo.

O próximo a entrar foi Jonathan, que apenas murmurou um “bom dia”, servindo-se da bebida. Já em sua mesa, o homem retirou uma vasilha da mochila e a abriu. Kristine havia feito bolinhos para que ele distribuísse na sala. Ele pôs um bolinho em cada uma das duas mesas que ainda esperavam seus proprietários e foi até as duas mulheres e as entregou também. A conversa foi pouca, elas apenas agradeceram e voltaram aos seus trabalhos.

Alex também não parecia muito animado quando chegou alguns minutos mais tarde, porém ao ver o doce em sua mesa ele pôde apenas sorrir. Tomou seu café em um gole só e sentou-se ao lado da amiga.

A antes tão barulhenta sala parecia estranhamente quieta. Do pequeno grupo de colegas, uma pessoa não entraria mais por aquelas portas. Porém, os restantes não se permitiram sentir melancolia ou a falta de ninguém pois, no fundo, comemoravam que pelo menos não havia sido eles.

Lucy havia perdido seu emprego algumas semanas antes e com ela levou a aura leve e aconchegante que geralmente se espalhava pelo escritório. A aura pesada que se instalou não se dissipou nem mesmo com o cheiro de café pois todos se sentiam como se prendessem a respiração: quem garantiria que não eram os próximos?

A ex-colega não havia feito nada de errado, contudo uma nova inteligência artificial havia sido desenvolvida para fazer o trabalho que a mulher antes exercia. Era uma escolha óbvia a se fazer, porém isso não impedia que o restante ficasse com os nervos à flor da pele, trabalhando mais duro do que o normal devido à ansiedade presente. Era como se existisse um grande elefante na sala o qual todos tentavam ignorar, era uma tarefa impossível.

Às 9 em ponto, Ethan adentrou o recinto. Suas sobrancelhas grossas pareciam mais franzidas do que o costume, indicando que seu humor estava péssimo. Seu rosto melhorou um pouco somente após uma boa xícara de café e o bolinho feito por Kristine. Chamou todos para a reunião que com certeza não seria menos desconfortável.

As cadeiras rangiam ao serem arrastadas. O som do andar do relógio ecoava pela sala, agora inundada em silêncio. Um silêncio que já foi quente e apreciado, um silêncio que agora deixava um ar constrangedor, pesado e incômodo.

Na tentativa de quebrar o clima e pôr a atenção dos outros sobre si, Ethan pigarreou alto. A atitude, bastante descortês porém eficaz em seu propósito, atraiu os olhares de todos, que direcionaram suas cabeças para o chefe.

— Para começar, eu queria agradecer pelo bolinho que foi deixado na minha mesa — em resposta, Jonathan deu um pequeno aceno de cabeça e um sorriso, permitindo que o outro continuasse sem interrupções — eu sei que faz apenas duas semanas desde que Lucy saiu, mas não há a necessidade de ficar pisando em ovos, ainda temos muito trabalho e ele não se fará sozinho.

Todos, ainda apreensivos, apenas concordaram. Ethan deu suas últimas instruções e liberou o grupo que voltou para seus respectivos lugares.

O tempo passou e a sala gelada aos poucos derreteu. Entretanto, as altas conversas nunca voltariam, as gargalhadas e palhaçadas foram substituídas por cochichos e risadinhas, além disso os colegas acabaram por adquirir o estranho hábito de conversar por mensagens mesmo estando todos ali. Os poucos metros que os separavam tornaram-se uma distância demasiadamente maior.

Capítulo 4

Os primeiros raios de Sol já aqueciam o deserto escritório naquela quente manhã de verão, dando início a mais uma segunda-feira qualquer no calmo ambiente. Com uma pontualidade impecável, exatamente às 8:30 a porta da sala se abriu e a caçula do grupo foi a primeira a chegar, carregando um ar cansado. A menina passou o café por hábito, sem pegar nem uma porção da bebida, e começou seu trabalho.

Somente alguns instantes se passaram antes da chegada de Jonathan e Marie. Ambos foram diretamente sentar-se em suas mesas. As únicas palavras que proferiram foram breves cumprimentos, não havia tempo para mais. Os círculos abaixo de seus olhos pareciam mais escuros que o usual.

Em poucos minutos, Alex adentrou o local. Andou em silêncio a passos apressados, acomodou-se em seu assento, abaixou a cabeça e começou a digitar, enviando mensagens de bom dia aos presentes, sem ter energia para conversar.

Logo Ethan chegou e chamou-os para a reunião. Não houve muita conversa, unicamente recados e ordens.

Com o aumento do preço da mão de obra, o número de clientes que possuíam estava estagnado há muito tempo. A produção precisava desesperadamente aumentar e ninguém mais questionava a eficácia ou custo benefício das máquinas mais modernas e tecnológicas disponíveis no mercado.

O novo equipamento pelo qual ansiavam há uma eternidade havia finalmente sido comprado e agora lhes cabia reorganizar o ambiente de forma a deixar um espaço de 3 metros livre.

Assim o dia todo se passou, cadeiras e mesas foram movidas, giradas, arrumadas e desarrumadas novamente. Contudo, nenhuma disposição parecia boa o suficiente.

O Sol já começava a baixar e o tempo a esfriar e nada havia sido estabelecido. A sala permanecia uma completa bagunça, as mesas espalhadas, cadeiras trocadas e barrigas famintas, mas ninguém ousava sequer abrir a boca para reclamar.

O expediente se aproximava do fim e a frustração chegava para todos, o dia havia sido completamente perdido. O escritório foi aprontado novamente e um a um os funcionários foram deixando o local.

Sobrava somente Ethan no cômodo quando ele, similarmente, se preparava para deixá-lo. Organizou seus pertences e se dirigiu para a porta. Já tinha as mãos no interruptor quando sentiu um familiar cheiro de café, este que jazia intocado em cima da mesa a qual ficava acomodada em uma área um pouco mais afastada, na ponta da sala cujo formato se assemelhava a um L.

Ele desligou a cafeteira, apagou as luzes e encarou o canto, agora escuro, pensando “o dia foi mesmo desperdiçado, o lugar perfeito esteve ali o tempo todo”. A porta foi fechada e o escritório mergulhou na imensidão da noite.

Capítulo 5

Em um pequeno escritório localizado no 12º andar de um prédio no centro de uma grande cidade iniciava-se mais um expediente de trabalho. Era primavera, mas os pássaros já não cantavam lá fora e as flores há muito deixaram de desabrochar. Tratava-se de mais uma manhã de segunda-feira.

A porta foi aberta às exatas 8:30h, toda a equipe entrou de uma vez, quase que em uma fila indiana. Os 5 adentraram o recinto da agora bem sucedida empresa em um intenso silêncio, com olheiras profundas abaixo dos olhos.

O café não foi passado e a cafeteira não foi vista, o equipamento caro, que agora preenchia toda a sala, o havia substituído. As luzes amareladas não foram sequer acendidas e o tom de branco gelo nas paredes já se assemelhava mais ao cinza, desgastado. O carpete azul marinho que antes repousava no chão deu lugar a um piso de pedra frio e sem graça. Não se ouviam mais conversas ou murmúrios, as reuniões agora não passavam de curtos e-mails com planejamentos e ordens. Não haviam mais mensagens sendo trocadas, os olhares de todos grudados às telas brilhantes sem desviar ou piscar. O silêncio era ensurdecedor com apenas o som do passar do relógio e do digitar dos dedos ecoando pelo ambiente.

Na tentativa de aumentar a produção e o lucro de uma empresa, muitos sacrifícios devem ser feitos. Mas até onde se pode esticar a própria humanidade?